

P O E S I A

CARLOS MOREIRA

o ser do sol
esconde a treva
do seu centro

lá dentro
passeiam tristes
átomos de ouro

*

que fique muito
mal explicado

não faço força
para ser entendido

quem faz sentido
é soldado

*

à sombra de um sol graciliano
a pele da palavra não difere
daquela que a cobra se descobre
nascendo feito flor em meio agreste

limpa de si mesma sua pele
deixando que o sol a atravesse
não lesma que derrame a luz a esmo
marcando o caminho para o verme

P O E S I A

mas luz-casulo: espelho que se mira
na retina de quem se arrisca a lê-lo
e devolve o ser só pressentido
entre as dobras do labirinto-espelho

à sombra da palavra tudo é nítido
o sol a flor a cobra o nada o mito

*

este não é um muro de palavras
em que se tranque o sentido escuro
em que se estanque o fluxo dessa larva
em que se perca o fio dentro do fuso

isto não é a caixa de pandora
abarrota de vazio e mito
capitu lilith égua de tróia
não deixam sombra neste manuscrito

o teu passeio dentro deste espelho
é solitário: já nem eu te sigo
porque parti este caminho ao meio
e sigo morto mesmo estando vivo

e se me perco em teu olhar narciso
sei o que sou: o oposto do que miro

Carlos Moreira (1974) publicou Ave, avesso e Evangelho segundo ninguém pela Edufro e sua Tetralogia do nada pelo Clube dos Autores. Se tudo der errado, até o fim do ano publicará o seu Cardume.